

Lança o teu pão sobre as águas (sobre o *Qohélet / Ecclesiastes*)

com Maria Filomena Molder

Jorge Molder. Fotografia da série *The Secret Agent*, 1991



3 de março

Questões de filologia

17 de março

Redução do princípio do terceiro excluído

24 de março

**Contra a idolatria do cérebro,
a atenção ao ventre**

31 de março

Teologia mínima: o conceito de limite

Lança o teu pão sobre as águas é o primeiro versículo do capítulo 11 de *Qohélet* e introduz-nos imediatamente na atmosfera enigmática e não sentencial deste livro do Antigo Testamento. A tradução em português é minha, feita a partir da tradução italiana do “poema do Velho”, assim o qualifica Guido Ceronetti, que desde 1955 o leu e tentou traduzir. A sua primeira tradução publicada data de 1970, seguiram-se as de 1984, 1987, 1991. Em 2001 publica a última versão, embora não definitiva, como se irá perceber e porquê.

Qohélet não é o nome de ninguém. Na *Vulgata* passou a *Ecclesiastes*, aquele que reúne, congrega, chama à reunião. Que tem ele para nos dizer? Coisas amargas, que despertam a repulsa, coisas inesperadas e surpreendentes, coisas que se contradizem e não podem deixar de se contradizer. Nenhuma delas nos deixa indiferentes. Trata-se de um conjunto de axiomas e não de provérbios. Não foi escrito para ser comentado por filósofos ou teólogos, mas para ser decifrado. Os axiomas ficam abandonados a eles mesmos, não fazem parte de uma cadeia dedutiva. Ter chegado a eles é sabedoria, e isso implica ter visto “estas coisas” repetidamente. Por isso as repetições não são problemas de estilo.

Qohélet não consola, dele não se pode tirar uma moral repousante que atribua sentido à vida, o que não deve ser confundido com Deus, porque Deus é uma evidência, o sentido da vida não. Como não sei hebreu, e os meus conhecimentos de grego são rudimentares, só posso comparar as traduções de Ceronetti com as de outras línguas europeias, em particular, inglês, francês, alemão. Ele próprio fornece essa possibilidade.

Por consequência, tenho em vista não só comunicar aquilo que vi nas palavras traduzidas de *Qohélet*, nas quais sopra o vento *famélico*, como promover a iniciação ao singular pensamento de Guido Ceronetti.

Maria Filomena Molder

Questões de filologia

Não tendo sido tirados à sorte, os títulos das quatro conferências também não podem ser vistos como problemas isoláveis. Para começar, “Questões de filologia”, título da primeira, não só é aplicável a todas elas, como também se dirige ao título

do ciclo. *Lança o teu pão sobre as águas* (Ceronetti, 2001, eu inverti a ordem dos complementos) conhece no mesmo autor múltiplas versões anteriores. Acontece que, ao contrário do que previ, vou seguir a tradução de Haroldo de Campos (1991) como versão *princeps*, na qual se lê: *Espalha o teu pão pela face das águas*. Por vezes acrescentar-se-ão versões em outras línguas. Questões de filologia quer dizer para já questões de tradução, que em vários versículos se tornam ruidosas. Para essas só poderei ficar a olhar, comparando e comparando vezes sem fim. Mas essas questões, nos casos mais bichudos, arrastam outras, as da decifração. Que significa atirar, lançar, espalhar o pão, o pão de cada um, sobre as águas, pela face das águas? Aqui a escolha das interpretações torna-se musical. Isto é, decidimos que há um intérprete (ou uma mistura de alguns) que vai ter com a estranheza irredutível deste texto bíblico. Com clareza inequívoca, o que é obscuro permanecerá obscuro. Seguimos assim o exemplo de Wittgenstein: diante de um texto rapsódico como é o *Qohélet*, não será permitido fazer de conta que as cores não escorrerão umas por cima das outras. Aqui pergunta-se: quem é aquele que fala e se reclama rei de Jerusalém, filho de David? Porém as questões de filologia ainda não se esgotaram, pois à pergunta pelo autor junta-se irresistivelmente a sua voz e então entramos em plena fisiologia.

Maria Filomena Molder é professora catedrática aposentada, FCSH, UNL. Últimas publicações: *Símbolo, Analogia e Afinidade*, Vendaval, 2009. *O Químico e o Alquimista. Benjamin, Leitor de Baudelaire*, Relógio d'Água, 2011 – Prémio Pen-Club 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d'Água, 2014.

CONFERÊNCIAS TERÇAS-FEIRAS DE 3 A 31 DE MARÇO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO